

CRIANÇAS CEGAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

ROSA, Louise Nunes¹; SELAU, Bento²

¹Universidade Federal do Pampa/Pedagogia; ²Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão.
E-mail: louisedarosa@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o processo de alfabetização de crianças cegas, identificando as estratégias pedagógicas necessárias para esta prática. A motivação para realização desta investigação deu-se em função da aproximação com estudos relacionados à alfabetização no âmbito da Educação Especial.

A alfabetização é uma etapa percorrida por todas as crianças em idade escolar, sejam elas videntes ou não. Os métodos utilizados para o processo de alfabetização podem ser os mesmos, sendo que, para alfabetizar crianças cegas são necessárias algumas adaptações. Para dar início ao estudo sobre alfabetização, é importante refletir que é esse um período da vida escolar que merece cuidados especiais. Alfabetizar é um processo decorrente da curiosidade e da ação da criança, não apenas das videntes, mas também das crianças cegas, que deve ser aguçado pelo pedagogo por intercessão de diferentes gêneros textuais e de diferentes suportes. Por isso, é necessário oportunizar materiais que levem às crianças a aprenderem de forma mais ativa e, conseqüentemente, mais significativamente. Ferreiro e Teberosky (1985) afirmam que a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao findar da escola. Por esse motivo, a ação educativa requer uma sensibilidade por parte do educador para com o educando, considerando suas ações, dificuldades e desempenhos, pois o alfabetizando não é um indivíduo em estado bruto.

A preocupação deste estudo é com a alfabetização de crianças totalmente cegas ou que percebem apenas resquícios de luz, que nasceram cegas ou perderam a visão antes dos cinco anos e não tem a visão como padrão de referência para a alfabetização. A criança cega chega à escola com uma bagagem de conhecimentos adquiridos naturalmente ao meio em que vive. Entretanto para Almeida,

a criança cega não passa com tal naturalidade por essas experiências enriquecedoras. Falta-lhe a condição de imitar, acaba, por essa razão, não tendo reais oportunidades de aprendizagem. O ato da escrita tão simples e prazeroso para uma criança vidente transforma-se numa lacuna para ela nos primeiros anos de sua vida (2002, p. 22).

Para alfabetizar crianças cegas é preciso adaptar o processo para suprir as limitações da criança decorrentes da falta de visão. Faz-se necessário que os alfabetizadores tenham o devido conhecimento teórico para melhor prover sua prática, o que oportunizará aos cegos a possibilidade de independência e autonomia, elevando sua auto-estima e, principalmente, a conquista de espaços sociais por via de sua competência acadêmica.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho foi realizado seguindo os procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica, que conforme Lima e Mioto (2007) oferecem ao pesquisador uma possibilidade na busca de soluções para o objetivo da pesquisa, implicando em um conjunto ordenado de procedimentos, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não é aleatório. Lima e Mioto (2007, p. 40) salientam que “a pesquisa bibliográfica requer do realizador atenção constante aos objetivos propostos e aos pressupostos que envolvem o estudo para que a vigilância epistemológica aconteça”. O uso do trabalho metodológico das autoras se mostrou útil para a investigação que se levou a cabo. Para tanto, dividiu-se a metodologia em quatro fases: Elaboração do projeto de pesquisa; Investigação das soluções (levantamento da bibliografia e levantamento das informações contidas na bibliografia); Análise explicativa das soluções e; Síntese integradora. Passa-se a apresentar os resultados do trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino da linguagem escrita deve acontecer por meio de estratégias capazes de respeitar às características das crianças e do seu direito de viver plenamente esse momento da vida. Encontrar uma forma de ensinar capaz de respeitar o direito ao conhecimento e, ao mesmo tempo, a capacidade, o interesse e o desejo de cada um de aprender se constitui em uma tarefa da Pedagogia para qualquer nível de ensino ou área de conhecimento.

Como a criança cega não tem a naturalidade da experiência do imitar o ato de escrever do vidente, ela tem certa desvantagem no momento da alfabetização. Assim, possui a necessidade de experiências físicas e contatos diretos com os objetos, além da interação verbal com adultos e crianças do seu mundo social para aprenderem sobre o que lhes rodeia. Seu processo de alfabetização será mais intrincado, pois o contato com a leitura e a escrita ocorre tardiamente, sendo necessário um pouco mais de estimulação que oportunize seu desenvolvimento cognitivo e físico.

Um pré-requisito importante para amenizar as dificuldades da criança cega na alfabetização é o máximo de contato com materiais com diversas formas e texturas, com o objetivo de desenvolver seu sentido tátil, necessário para o aprendizado do braille, que é o sistema fundamental para alfabetizá-las. O sistema braille é um modo de leitura e escrita tátil utilizado pelos cegos. Este sistema foi desenvolvido pelo francês Louis Braille (1804- 1852) que ficou cego ainda criança ao se machucar com uma ferramenta quando brincava no local de trabalho de seu pai.

Independentemente do caráter pedagógico adotado pelo alfabetizador de crianças cegas é necessário compreender que elas necessitam passar por um período preparatório, que compreende explorar o contato com material concreto para aguçar o tato onde as habilidades e capacidades sensoriais, motoras e cognitivas devem ser trabalhadas para facilitar o processo de alfabetização. Existem materiais para o desempenho eficiente no processo de ensino dos alunos cegos como, textos transcritos em braille, gravador cassete, reglete, punção e soroban.

Faz-se necessário que o professor alfabetizador tenha como ponto de partida trabalhar o sentido tátil, usando a palma das mãos, os dedos, e as mãos em conjunto para explorar objetos. Estas noções são importantes para a percepção e reprodução das semelhanças e diferenças das combinações dos pontos que

representam as letras. O tato, a destreza tátil e a coordenação manual precisam estar bem desenvolvidas, pois tanto a técnica da leitura quanto a escrita das letras dependem de movimentos sincronizados das mãos e da percepção tátil de diferenças. Assim o educador deve propor a criança a experimentar várias situações de aprendizagem, para que ela possa descobrir e reconhecer o universo a que pertence e se identifique como um ser capaz e completo. Entende-se a prática do professor como um processo contínuo a ser aprimorado constantemente. Assim, a abertura para a autonomia profissional para o trabalho com crianças cegas, exige o desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, compartilhando os conhecimentos e os saberes que são obtidos através de formação institucional e de experiências alcançadas por meio da própria prática educativa.

Não há um método pronto e infalível para educar uma criança cega. O professor precisa conhecer o aluno que tem diante de si sobre o qual reincidente sua atenção à ação pedagógica. O importante é a criança perceber e entender a língua escrita, suas regras e suas convenções, saber sua função, ter interesse e desejo de aprender. Qualquer método precisa levar em conta o sujeito que aprende e considerar as hipóteses que ele faz sobre o objeto do conhecimento para que ele avance passo a passo na construção de seus próprios conhecimentos. Para isso é necessário reconhecer o que a criança já sabe para poder, a partir daí, ajudá-la a progredir. Independente do método utilizado, o educador deve procurar trabalhar com grupos de alunos, o que pode ser também um fator considerado fundamental para o desenvolvimento de capacidades sociais.

4 CONCLUSÃO

Os indivíduos cegos buscam superar as limitações sociais causadas por uma sociedade organizada para a visão, uma “sociedade da visão”, não por caridade de nenhuma pessoa, mas através da adequada escolarização que as levem por um processo de formação que as impulsionem a devida competência profissional. Isso significa que, alfabetizar uma criança cega requer do pedagogo formação teórica e prática competente, adequada, racional, ressaltando ainda que é preciso estar disposto a enfrentar desafios e crescer com o que se faz. Entende-se que é imprescindível que o pedagogo busque constantemente a avaliação de sua prática, uma vez que é necessária a procura pela adequação dos procedimentos e recursos didáticos e pedagógicos, coerentes com a especificidade demandada pelo aluno.

A alfabetização de crianças cegas vai além de ensinar a ler e a escrever: é também por orientação do professor que essas crianças aprenderão a ler o mundo, o que proporcionará a elevação de sua auto-estima, a busca por sua independência e autonomia, oportunizando a elas, sobretudo, a conquista de espaços sociais por sua competência acadêmica.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Glória. Fundamentos da alfabetização: uma construção sobre os quatros pilares. **Revista Benjamin Constant**, Ed. 22. 2002. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/nossos_meios/revistas>. Acesso em 16 de jul. 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev.Katál.**, Florianópolis, v.10, n. esp. p. 37-45, 2007.